

O ÚLTIMO CERCO AO ARRAIAL

A 30 QUILÔMETROS DE LUZIÂNIA,
UMA COMUNIDADE DE NEGROS
RESISTE (POR QUANTO TEMPO?)
AO ASSALTO DA CLASSE
MÉDIA DE BRASÍLIA

SEVERINO FRANCISCO

Ainda corre a lenda de que o Arraial do Mesquita, situado a 30 quilômetros de Luziânia, é um dos últimos quilombos do Brasil. Nem tanto assim. Quem estiver ávido de "folclore" quebra a cara. A construção de Brasília trouxe consigo a especulação imobiliária, desagregando a comunidade de negros que tinha na lavoura, na criação de gado e na fabricação de um famoso doce de marmelo, os principais meios de subsistência. "Gado vinha bater no Plano Piloto; a gente tinha de pegar o gado por lá" - disse o Velho Malaquias, um antigo morador do Arraial, ao cineasta Vladimir Carvalho, na época em que realizava um filme-documentário sobre a região: **Quilombo**.

Aliás, obter informações sobre a história do Arraial é difícil. O velho Malaquias era um dos últimos remanescentes do tempo da antiga comunidade de negros. Ele morreu atropelado ao atravessar uma das rodovias da região e com ele muita informação sobre o Arraial foi enterrada para sempre. Quando chegamos, o ambiente no Arraial estava meio tenso. Olhares desconfiados, gente fechando janelas das casas, poucas palavras. Raros se dispunham a falar. E quem falava, falava em conta-gotas, medindo as palavras, desconversando. De empurra em empurra, acabamos na casa do "seu" Dito da Donata, personagem muito respeitado na região, que resolve as pendências, dá conselhos, funciona como uma espécie de prefeito ou juiz de paz - como ele prefere se autodenominar. Lá, foi desvendado o enigma da desconfiança do pessoal da região para com a "raça dos jornalistas". Na semana anterior, um jornal de Goiânia publicara uma reportagem sobre o Arraial, onde se dizia que lá só se trabalhava três vezes por ano. Após o esclarecimento, "seu" Dito da Donata consentiu em dar um depoimento - hoje ele é uma das poucas fontes sobre a história da região - com a condição de que se publicasse as suas retificações em relação à matéria publicada no outro jornal:

- Aqui todo mundo é humilde mas todo mundo trabalha. Eu queria desmentir isto: onde já se viu alguém trabalhar somente três vezes por ano e continuar vivo? Outra coisa, o Arraial do Mesquita não foi criado através de ato da Princesa Isabel.

Vencida a desconfiança, os habitantes da região são muito cordiais. "Seu" Dito da Donata conta que o Arraial surgiu a partir da doação de 60 alqueires de terra a duas ou três escravas, que eram muito queridas da "Sinhá", quando da lei que libertou os escravos no final do século passado. A posse das terras vem passando por sucessivas gerações através de duas famílias principais: Teixeira Magalhães e Pereira Braga. Dona Cunegundes Ferreira de Brito, uma moradora do Arraial, conta fragmentos de histórias: "O pessoal diz que aqueles muros de pedra em Luziânia foram construídos pelos negros escravos e que eles matavam os negros que não trabalhavam".

Hoje, o Arraial do Mesquita é um arraial como outro qualquer; perdeu quase que completamente

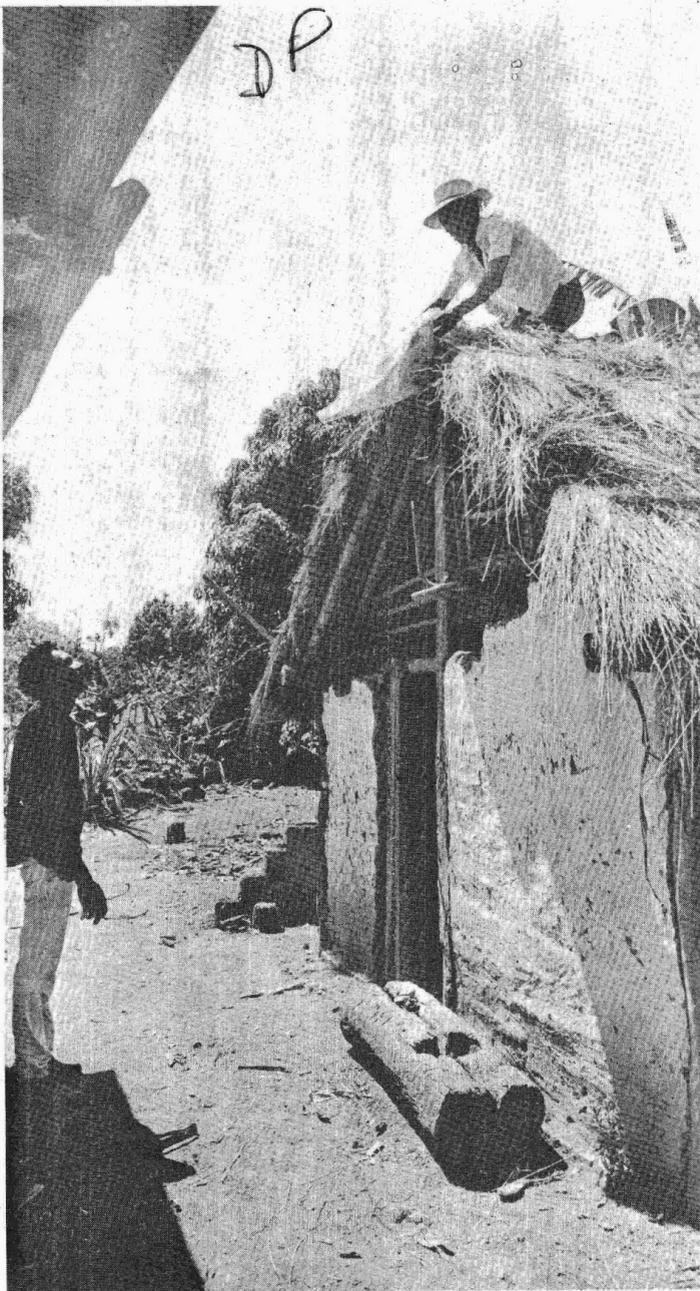
as suas características de comunidade de negros. Ainda se fabrica doce de marmelo, embora a produção tenha decaído muito com a incidência de algumas doenças nos marmeleiros. O cotidiano dos habitantes locais é feito do trabalho na lavoura, nas hortas para subsistência, da pequena produção do doce de marmelo, de algumas festas na cidade e de um bar com mesas de sinuca.

- Nota-se claramente uma desagregação cultural e étnica do Arraial com a presença, desde o começo dos anos 70, da exploração imobiliária, que comprou parte das terras aos pedaços - explica Vladimir Carvalho. Muitos deles ficaram encantados com estas ofertas da classe média abastada de Brasília que ali fez suas chácaras para fim de semana. Em troca, os negros vieram morar na periferia de Brasília: Gama, Ceilândia, Vila Buritis. Empobrecidos, eles perderam seu equilíbrio sócio-econômico-cultural. Tanto assim que eles faziam uma Folia do Divino muito bem estruturada antigamente, davam festas que duravam dias - segundo me contou Malaquias. Quando filmei, a Folia do Divino já não era tão rica assim. A presença de Brasília, ao invés de conservar a memória do povo, acabou por apagá-la quase por completo.

Embora incrustada no agreste do cerrado, o Arraial fica num lugar bastante aprazível, um clima ameno, muitas árvores plantadas nos velhos quintais (marmeleiros, jabuticabeiras, mangueiras, goiabeiras) barulho de passaros, água correndo. Ainda existe engenho puxado a boi, roda e serra d'água: "Seria importante que o Pró-Memória ou Iphan olhasse para esta comunidade. Acho que o núcleo principal do Arraial deveria ser tombado pela sua importância como referência da nossa história".

"Seu" Dito da Donata explica que a produção de marmeladas já foi "fabulosa" na região. "Em 1935 apareceu uma doença no marmelo. Era no tempo do Getúlio Vargas. Ai, o Epaminondas Roriz, de Luziânia, adquiriu um remédio - a Calda Bordaleza - para aplicar no marmelo. Deu um ótimo resultado. Havia um posto de defesa agrícola para esta comunidade. Os funcionários se aposentaram e ninguém reclamou. Quero fazer aqui o pedido para que isto volte".

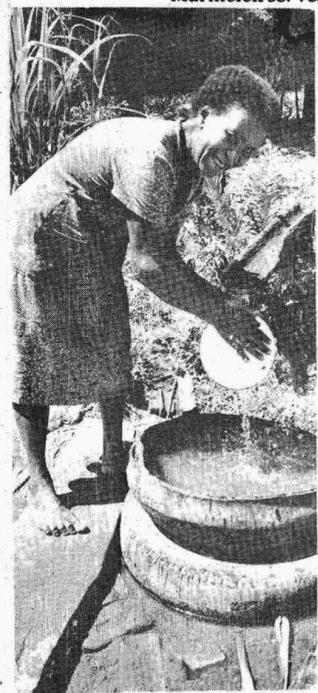
A fórmula "mágica" do famoso doce de marmelo: "O marmelo tem ácido. O importante é um quilo de massa (marmelo) para um quilo e meio de açúcar - explica Benedito Teixeira de Brito, um dos fabricantes de doce. E continua: "Lutador somos nós, olha só a mão!". Mostra as mãos cheias de calos. Hoje, o Arraial está sob a jurisdição da Cidade Ocidental. Falta luz elétrica, uma boa escola, médicos com periodicidade, remédios. "Por que os jornalistas não ajudam nisso?" - pergunta um dos moradores da região. Com tudo isto, os habitantes se orgulham muito do Arraial. E dizem que lá todo mundo trabalha e ninguém passa fome: "Graças a Deus" - arre-mata Benedito, enquanto tira o chapéu e ergue a cabeça para os céus.



Trabalho no arraial: o ano inteiro



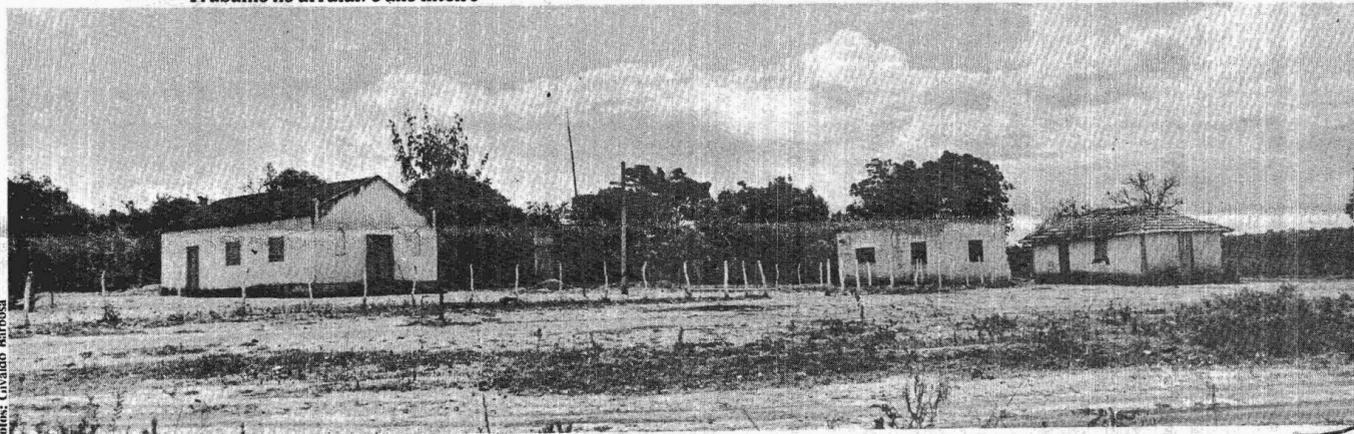
Marmeleiros: vencidos pela doença



Cunegundes



"Seu" Dito



Nesta igreja, a Festa do Divino já foi o maior acontecimento da região